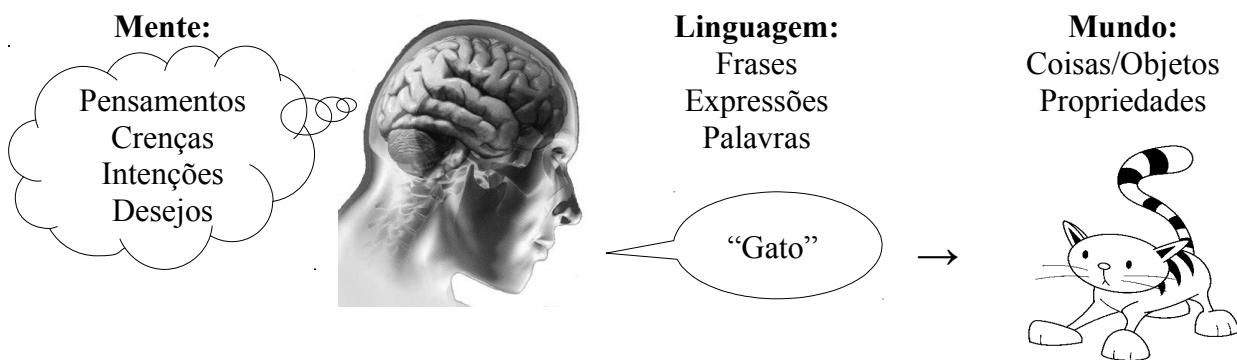


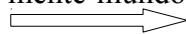
LINGUAGEM, MENTE E MUNDO:

[1] Na aula anterior:¹



- Estabelecemos a distinção entre (a) domínio das palavras, expressões e frases; (b) domínio dos pensamentos, crenças e conteúdos; e (c) domínio das coisas e suas propriedades.
- Vimos que palavras e expressões da linguagem são também objetos do mundo. O que nos permite diferenciá-las é o fato de terem significado (ou, ainda, de serem coisas que servem para falarmos *sobre outras coisas*). Isso permite que frases, expressões e palavras possam ser usadas para a comunicação (expressão de crenças, desejos, sentimentos, intenções etc.).
- Lançamos a hipótese de que, de alguma maneira, são nossas mentes (nossas crenças, intenções etc.) que conferem essa característica distintiva aos componentes da linguagem.
- Vimos, a partir dessas distinções, caracterizações de conhecimento e ação, que serão nosso objeto de estudo nas próximas unidades:

Conhecimento: mente-mundo



Como veremos na Unidade 2, temos conhecimento quando nossas crenças estão de acordo com o modo como as coisas são. Podemos falar, assim, que temos conhecimento quando *a mente se ajusta ao mundo*.

Ação: mente-mundo



Como veremos na Unidade 3, algo semelhante, mas em sentido inverso, ocorre em nossas ações. Quando uma ação é bem sucedida, as coisas devem ficar de acordo com o que pretendíamos. Podemos falar, assim, que numa ação bem sucedida *o mundo é ajustado à mente*.

[2] Algumas noções a respeito da linguagem que serão úteis em nossos estudos futuros:

AMBIGUIDADE: dizemos que uma frase, expressão ou palavra é ambígua quando tem mais de um significado, ou ainda quando pode ter mais de uma interpretação.

Exemplos: a palavra “manga” pode ser usada para se referir à fruta, à parte da roupa ou ao instrumento usado para molhar as plantas ou apagar o fogo.

A frase “Todos os livros e relatórios antigos devem ser queimados” é ambígua, pois podemos entender que o adjetivo “antigos” se aplica a “relatórios” e “livros”, ou que se aplica *apenas* a

¹ Imagem “cerebro.jpg” de <http://revistadesafios.blogspot.com> e “gato.gif” de <http://betaniauchoa4.blogspot.com>.

relatórios. Isso faz uma grande diferença, pois no primeiro caso apenas os livros velhos devem ser queimados. Já no segundo caso são todos os livros, sem distinção, que devem ser queimados.

VAGUEZA: dizemos que uma palavra ou expressão é vaga quando seu significado não é preciso ou determinado, a ponto de não deixar claro se ela se aplica ou não em uma dada situação.

Exemplos: a palavra “pouco” é vaga. Podemos saber quanto dinheiro tem uma pessoa que tem *pouco* dinheiro? O oposto da vagueza é a precisão. Para uma expressão não ser vaga ela deve ser precisa. Esse é o caso em, por exemplo, “Tenho 5 reais”. Aqui a expressão “5 reais” tem um sentido preciso e claro; ela não é vaga.

USO vs. MENÇÃO: podemos tanto usar como mencionar expressões linguísticas. Considere alguém que diz: – “A palavra ‘três’ tem quatro letras”. Esta pessoa estaria apenas *mencionando* a palavra “três”, sem usá-la em sua função habitual. A palavra “quatro”, por sua vez, é usada em sua função de indicar quantidade. O uso de aspas é um recurso para indicar quando estamos apenas mencionando uma expressão para falar *sobre* dela. Mas isso não é uma regra, pois as aspas são também usadas marcar que estamos *usando* uma expressão num sentido diferente do habitual.

[3] Exercícios:

Os exercícios a seguir deverão ser entregues na próxima aula. Eles serão avaliados de acordo com os seguintes critérios: informatividade, clareza e correção (tanto com relação ao conteúdo trabalhado em aula, quanto ortográfica e gramatical).

1. Considere o seguinte diálogo entre Alindro Conval e seu amigo Calho Fel:

Calho: – Todas as mangas têm caroços e ali na fruteira da cozinha estão três mangas. Logo, ali têm de haver também três caroços.

Alindro: – Poxa! Legal seu raciocínio. Mas, se todas as mangas têm caroços, meu casaco deve ter dois caroços, pois nele há duas mangas... Você não acha isso estranho?

Você concorda com o raciocínio de Alindro? Justifique sua resposta com base nos conteúdos estudados, explicando a razão pela qual o próprio Alindro suspeitou que havia algo errado com seu raciocínio.

2. Muitos filósofos já defenderam a tese de que Deus existe. René Descartes (1596-1650), por exemplo, ofereceu o seguinte argumento para defender essa tese:

Deus tem todas as perfeições.
A existência é uma perfeição.
Logo, Deus tem existência (ou seja, existe).

Apesar de haver filósofos que defenderam o oposto (que Deus *não* existe), há uma posição ainda mais curiosa: a de que não podemos saber se Deus existe, ou seja, que não pode haver conhecimento a respeito de Deus. Immanuel Kant (1724-1804) foi um defensor dessa tese.

Com base na caracterização de conhecimento estudada, diga, para cada uma das três teses, em que situação alguém teria conhecimento a respeito delas. Responda, também, agora com base no que você pensa, em que consiste a verdade e se as três teses expostas acima poderiam ser todas elas verdadeiras simultaneamente (ou seja, se pessoas defendendo essas três teses poderiam estar todas certas ao mesmo tempo).